

RESENHA DO LIVRO “Estudios del discurso: política, violencia y crisis sanitaria”

Priscilla Caroline Grandi¹

O livro “Estudios del discurso: política, violencia y crisis sanitaria”, publicado em 2024 pela Pontes Editores, conta com a organização dos autores Karen Miladys Cárdenas Almanza, Nino Angelo Rosanía Maza, Elizabeth Flores Salgado e Alexcina Oliveira Cirne. Os organizadores são pesquisadores, com ampla formação nos estudos linguísticos e que compartilham interesses pelas temáticas discursivas, voltadas à investigações críticas sobre o funcionamento da linguagem na sociedade e em contextos latino-americanos.

A obra traz uma compilação de nove pesquisas, que resultam de trabalhos apresentados no XIV Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), realizado em 2021, na cidade de Puebla, México. A coletânea apresenta estudos que abordam problemáticas sociais interseccionais produzidos por estudiosos de diferentes nacionalidades que, de forma interdisciplinar, utilizam a AD, a linguística geral e outras áreas do conhecimento, para abordar esses problemas no cenário latino-americano.

Diante desse contexto, e preocupados com a campanha frenética contra a ciência atualmente em nível global, os organizadores explicitam a relevância da análise discursiva a partir do contexto sócio-histórico local. Dessa forma, essa perspectiva focal permite a implicação de discursos opressores, que têm ganhado destaque em nossa comunidade latina e contribuem diretamente para “a instituição de papéis sociais de (des)prestígio, as representações sociais a serem (des)validadas, os preconceitos e violências que são legitimados” (Oliveira et al., 2022, p. 8), dentre os quais serão demonstrados nos parágrafos seguintes.

Assim sendo, no primeiro texto, Adriana Bolívar, da Universidad Central de Venezuela, discute três temáticas distintas a partir da perspectiva da análise interacional do discurso. A primeira retrata as mudanças políticas venezuelanas, destacando a difícil transição

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) e Bolsista CAPES, Código de financiamento: 88887.985058/2024-00. E-mail: priscilla.lopes@unemat.br. ORCID: 0009-0001-4169-9546.

política no país, do populismo clássico a uma gestão autoritária, marcada pelo discurso bolivariano e militar. Nesse sentido, a autora destaca que múltiplos discursos e atores se formaram nesse cenário autoritário: Hugo Chávez, Nicolás Maduro, grupo de opositores e protestantes

O segundo problema decorre do primeiro, porém trata da descortesia no âmbito político e comunicativo, manifestando-se em discursos ofensivos, transgressores de normas culturais, legais, e de caráter ameaçador, partindo de enunciados carregados de insultos como estratégia política dominante, perpetuados desde o presidente Chávez, ampliando-se na gestão de seu sucessor Nicolás Maduro. O terceiro tópico aborda a (de)colonização epistêmica, em que a autora questiona o padrão de citação entre autores membros da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED).

Com uma autocrítica, a autora afirma que há um desequilíbrio nas práticas de citação entre pesquisadores de AD na América Latina, enfatizando que, na produção de material científico, há uma priorização de fontes externas, caracterizando um ‘conhecimento importado’. Ademais, a autora destaca a importância do incentivo ao diálogo, entre autores regionais para romper com essa colonização epistêmica à qual estamos submetidos atualmente. A pesquisadora também ressalta que mais pesquisas devem ser feitas para discutir como estamos produzindo conhecimento autoral em AD na América Latina, visando ao cooperativismo entre autores locais.

No texto seguinte, María Eugenia Flores Treviño, da Universidad Autónoma de Nuevo León, aborda os dispositivos discursivos do poder, trazendo uma perspectiva transdisciplinar como uma metodologia analítica relevante para os estudos do discurso. O foco da análise de Treviño foram os discursos produzidos no processo de eleição para governador que ocorreu no estado de Nuevo León, com interesse particular na cidade de Monterrey, a partir de fragmentos de 7 discursos de candidatos e veiculados pelos meios digitais. Para isso, a autora contextualiza o cenário pré-eleitoral, relatando que a população havia passado pela pandemia da Covid-19 e que algumas características psicológicas e sociais foram incorporadas após a crise sanitária, como a insegurança e a manipulação midiática, modificando as representações sociodiscursivas dos sujeitos.

Utilizando esse contexto, a pesquisadora exemplifica como ocorre a manipulação nos meios digitais, a partir do discurso midiático do candidato vencedor das eleições, Samuel García, e demonstra como a imagem de sua esposa, que possui grande influência nas redes sociais, impulsionou a personificação do candidato como sujeito digital, novo e moderno, ressaltando seu caráter inovador e próspero. Apoiada nessa análise, Treviño afirma que os dispositivos midiáticos se tornaram uma ferramenta poderosa para a propagação de discursos, tornando-se potentes dispositivos políticos, e de construção de perfis midiáticos que se apropriam de arquétipos e os propagam em plataformas e redes sociais, com conteúdos voltados à pós-verdade, em que a “manipulación, la abrumadora cantidad de información a disposición de la sociedad, favorecen el analfabetismo digital” (Treviño, 2024, p. 71). Isso ocorre porque, com a exposição a esses conteúdos, estamos propensos ao engano, no qual “fraccionamos al territorio de nuestro conocimiento y solo vemos una versión reducida de él” (Treviño, 2024, p. 73).

Por fim, destaca a necessidade de fomentar os estudos de novos modelos discursivos midiáticos, permitindo a identificação da dominação oculta e promovendo uma abordagem mais crítico-reflexiva dos textos veiculados pelas mídias.

No terceiro texto, Viviane de Melo Resende, da Universidade de Brasília, desenvolve um ensaio sobre a decolonialidade presente no Brasil, no que concerne aos estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD). A autora apresenta a trajetória do país nos últimos dez anos como produtor de materiais e pesquisas sobre essa vertente e o avanço de pesquisadores brasileiros no desenvolvimento de materiais de pesquisa. Resende demonstra que houve uma importante articulação entre as universidades e pesquisadores de todas as regiões brasileiras, com estudos nacionais, com exceção da Região Norte, que se mostrou extremamente ausente nessa inter-relação.

A pesquisadora também revela que essa região se concentra mais em produções europeias, refletindo um hábito de estudiosos fiéis às perspectivas tradicionais, limitando o desenvolvimento teórico desse campo de estudo. Com isso, a autora faz uma crítica às pesquisas que se mantêm no tradicionalismo de abordagem de autores clássicos em Análise Crítica do Discurso, uma reflexão importante, haja vista que esse dispositivo analítico passou por diversas transformações desde sua criação na década de sessenta, com Michel Pêcheux. Além disso, há

importantes e inovadores estudos em ACD desenvolvidos por autores vinculados às universidades brasileiras, os quais poderiam contribuir para uma perspectiva científica decolonial.

No quarto texto, as pesquisadoras Maria Carmen Aires Gomes, da Universidade de Brasília, e Alexandra Bittencourt de Carvalho, da Universidade Federal de Minas Gerais, trazem uma importante discussão sobre AD interseccional, a partir do texto de um vídeo musical da cantora e funkeira brasileira MC Karol, em parceria com a DJ Thay, intitulado ‘Levanta Mina’.

Ao utilizar os métodos analíticos dessa vertente discursiva, as autoras exploram a canção com base na (re) significação de corpos e nos discursos de relações de poder decolonial. As autoras enfatizam que as identidades e o discurso estão intrinsecamente ligados às funções dos corpos e às suas posições nas práticas sociais, pois esses se articulam interseccionalmente ao se estabelecerem politicamente, sendo hierarquizados entre culturas e desvelando como operam nas práticas sociais coletivas. Na pesquisa, demonstra-se como características atribuídas à cantora são reafirmadas nas letras de suas músicas (gorda, negra, periférica, feminista), reproduzindo discursos identitários relacionados à política, por meio de uma agenda crítica e construtiva de um corpo considerado corpo-condenado decolonial, atuando fortemente em questões de resistência política.

Gomes e Carvalho afirmam que o cenário do *funk* feminino brasileiro é majoritariamente composto por mulheres negras e pobres, que representam, por meio de seus corpos interseccionados, múltiplos símbolos de gênero, classe, opressão, sexualidade e raça, combinados ao desejo de transfiguração de seus espaços em sítios seguros e operantes. Com isso, MC Karol surge como uma voz que representa a resistência a essa dominação colonial, capitalista, racista, machista e patriarcal, expressa na figura feminista das letras de suas músicas, cujas temáticas denunciam e combatem o sistema opressivo do mundo-moderno, se tonando uma figura de resistência feminina.

No quinto texto, Mariana Achugar da Universidad de la República, do Uruguai, aborda as práticas discursivas de violência de gênero contra mulheres, partindo da Análise Crítica do Discurso. A autora analisa três casos comparativos de violência de gênero, sendo cada um constituído por uma instância discursiva, particularizando suas recepções e

circulações. No primeiro caso, o *corpus* é composto por uma compilação de ‘cantadas’ provenientes do Cone Sul, incluindo a sua recepção e a circulação na publicidade. No segundo, os dados analisados advêm de um vídeo que se tornou viral nas redes sociais, produzido por um grupo feminista chileno contra o discurso opressor estatal e machista. No terceiro caso, é apresentada uma denúncia de mulheres, que foram presas políticas durante a ditadura no Uruguai e sofreram violência sexual, análise realizada a partir de um filme e sua veiculação pública.

O primeiro caso expõe como o assédio de rua reproduz um discurso que reforça a hierarquia de gênero, no qual o homem é visto como o agente ativo de dominação e a mulher como o objeto passivo do desejo masculino. No segundo caso, o coletivo feminista atribui aos homens e ao Estado a responsabilidade pela violência sistemática de gênero, naturalizada como um dispositivo de controle e dominação contra a mulher, materializando-se em agressões físicas, abusos sexuais, assédio, feminicídio, entre outras práticas. Essas formas de violência situam-se em uma cultura de impunidade e na perpetuação da violência de gênero naturalizada na sociedade. No terceiro caso há a denúncia de um grupo de ex-presas da ditadura uruguaia que denunciaram os abusos sexuais que sofreram naquele período. Diante da denúncia legal, houve uma tentativa de invalidação de seus discursos sobre a violência de gênero, estabelecendo, assim, um lugar de subordinação dessas mulheres e de sujeitos assujeitados pelas normas de ordem de gênero.

No entanto, o filme que narra as experiências dessas mulheres funcionou como um espaço de escuta social e de voz ativa, aumentando a circulação pública de seus discursos. Nesse processo, esses discursos se reconfiguraram e alcançaram uma nova perspectiva de significação, agora com aliados e respaldo da coletividade no geral. A análise discursiva das representações de violência de gênero demonstradas neste estudo mostrou como os sentidos antifeministas, interpelados ao longo da história, sofreram modificações. Além disso, as experiências individuais de mulheres vitimizadas pela violência de gênero transferiram-se para instâncias superiores, sendo legitimadas e amparadas pela sociedade, transformando o que anteriormente era considerado ‘lesão corporal leve’ em uma violação dos direitos humanos.

Patrick Charaudeau, da Universidade Sorbonne Paris Nord, traça uma cartografia de discursos da pandemia no sexto texto, a partir do contexto pandêmico francês da Covid-19,

estabelecendo quatro âmbitos discursivos circulantes na época: o político, o científico, o midiático e o cidadão. Primeiramente, o autor elucida que, ao longo da história das pandemias, os sentidos veiculados dependem dos contextos sócio-históricos das populações da época em que se manifestam, bem como do imaginário coletivo sobre poder, ciência, lei, liberdade e conhecimento dos sujeitos e como se constroem. Esses sentidos se cruzam com outros discursos, produzindo novos sentidos e se manifestando no debate público, causando rumores, incertezas e conspirações fantasiosas.

Assim, para o autor, cartografar discursos em tempos de crise sanitária é uma abordagem pertinente para diagnosticar os discursos que circulam e como se mobilizam no espaço social da época em que se estabelecem, principalmente em pandemias. Isso se justifica pelo fato de que “una pandemia es igualmente un acontecimiento de discurso” (Charaudeau, 2024, p. 175), uma vez que todos os rituais de encontros e relações interpessoais são modificados e afetados pelo momento restrito de isolamento.

Em sua explicação, Charaudeau divide os discursos políticos em camadas de poder e explicita como elas funcionam, desde a enunciação presidencial até a midiática, passando pelos especialistas e pelos cidadãos franceses, demonstrando como cada nível se comporta discursivamente. Ele inicia sua análise pela fala sentimentalista do presidente, da política auxiliar do primeiro-ministro e pelo discurso do porta-voz do governo, seguidos pelas críticas contundentes das câmaras, pelos enunciados técnicos e argumentativos da secretaria de saúde e pelos textos científicos e filosóficos de especialistas atuantes na época.

O autor afirma que, com a pandemia, houve uma ampla propagação de discursos, derivados das distintas esferas da sociedade, com ênfase na luta discursiva entre as autoridades científicas e políticas. Além disso, destaca-se a disseminação de falsas terapêuticas que se contrapõem às recomendações de órgãos superiores, como a Organização Mundial de Saúde, resultando em uma polarização comandada por grupos políticos extremos. Por fim, Charaudeau reflete que, embora as crises sanitárias sejam causadas por fenômenos naturais, sempre haverá uma busca incessante por culpados e a disseminação de ódio, como forma de aliviar o sentimento de angústia gerado, desencadeando outras crises sociais.

No sétimo texto, Mônica Graciela Zoppi Fontana, da Universidade Estadual de Campinas, analisa discursivamente as construções condicionais contrafactuais do relatório

final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pandemia, realizada no Brasil em 2021. A análise considera as condições históricas de produção em que a CPI foi instaurada, diante do contexto de crise sanitária e dos conflitos ideológicos de disputa entre o governo federal e o senado, já que o relator final do texto da CPI foi o senador Renan Calheiros. A CPI da pandemia ocorreu devido ao aumento alarmante de mortes por Covid-19 e a comoção pública diante das denúncias de negligência e de corrupção, por parte do governo brasileiro.

A construção oracional condicional contrafactual refere-se a enunciados com sentido de fatos ocorridos no passado ou em um mundo fictício, explorando cenários hipotéticos. Esse tipo de construção pode ser observado em falas de distintos sujeitos sobre a má gestão do presidente em exercício na época do cenário pandêmico, como no seguinte exemplo: Se vacinas tivessem sido compradas e medidas preventivas fossem tomadas mais rapidamente, mortes teriam sido evitadas. As condicionais contrafactuais possuem um valor semântico negativo implícito, uma vez que seu funcionamento permite a paráfrase de enunciados desse tipo em afirmações. Por exemplo, ao retomar a oração: ‘Se vacinas tivessem sido compradas e medidas preventivas fossem tomadas mais rapidamente, mortes teriam sido evitadas’, uma afirmação poderia ser produzida em: ‘Não haveria mortes se vacinas fossem compradas e medidas protetivas fossem tomadas’.

Dessa forma, conclui-se que ‘Houve mortes porque não se compraram vacinas e não se tomaram medidas preventivas’, causando um efeito performativo negativo, acusatório e denunciativo, certificando crimes cometidos por omissão. Nesse viés, é evidente o caráter argumentativo que as orações com essa estrutura gramatical possuíram ao atribuírem responsabilidade pelas mortes causadas pela Covid-19, ao governo federal da época.

No oitavo texto, o pesquisador Sebastián Sayago da Universidad de la Patagonia San Juan Bosco analisa a produção discursiva em circulação de três organizações argentinas contrárias à mega mineração a céu aberto, de forma massiva, em regiões onde a luta contra essa prática é intensa. Abarcando bases da AD e de teorias sociais e políticas que abordam o estruturalismo antissistêmico, o autor demonstra como o capitalismo dominante, juntamente ao colonialismo, age de forma predatória no meio-ambiente. Assim, as organizações não governamentais (ONGS), ao assumirem uma posição defensiva a essa prática, lutam para pôr

fim à permanência dessa intensa ação predatória, bem como para evitar novas formas de devastação severa.

Com a habilitação da mega mineração em grande parte do território argentino, formaram-se duas redes conflituosas, que se opuseram a partir de suas orientações ideológicas, condições de produção e circulação discursiva. Esse embate gerou uma disputa entre setores populares de proteção ambiental e o *lobby* mineiro, este com um discurso individualizado, comercial, seguindo padrões homogêneos de enunciados, como: A atividade extrativista é importante para o desenvolvimento do país, para a inserção da Argentina no mundo dos negócios internacionais, bem como para a criação de postos de trabalho (Sayago, 2024). Esses discursos foram direcionados ao governo e difundidos nacionalmente pela imprensa.

Para esse discurso desenvolvimentista, há o discurso das organizações ambientais que refutam tais fundamentos capitalistas, ao contra-argumentar e manifestar discursos heterogêneos compostos por denúncias contra o governo e por explicações dos malefícios dessa modalidade econômica, ambas associadas às intensas devastações ao meio-ambiente. Para isso, utilizam as redes sociais como meio de difusão e direcionam suas mensagens à sociedade em geral e às comunidades locais.

Por fim, essas produções discursivas estão estruturadas pela constituição identitária das partes, em que o movimento socioambiental e o povo se constituem como ‘nós’, em defesa própria e legítima; enquanto o governo e o *lobby* mineiro forma o ‘eles’, um grupo que atua de maneira ilegítima em face de seus interesses econômicos e políticos, produzindo, então, duas matrizes discursivas: a ambientalista e a política.

No último e nono texto, Karen Miladys Cárdenas Almanza, da Universidad Nacional Autónoma de México, e Nino Angelo Rosanía Maza, da Universidad de San Buenaventura, analisam os discursos-testemunhos de mulheres vítimas de recrutamento forçado, que sofreram violência sexual e de gênero praticada pelas Farc-EP, uma guerrilha violenta que viola expressivamente os direitos humanos, deixando profundas marcas em suas vítimas.

A partir da modalidade epistêmica, os autores exploram os recursos linguísticos utilizados por essas mulheres para diagnosticar seus níveis de conhecimento e de envolvimento, bem como as evidências dos fatos, que geraram consequências marcantes em suas vidas, frente

aos episódios traumáticos que vivenciaram, representando, assim, as suposições, possibilidades, alusões, referências e evidências diretas e indiretas, que fizeram parte de suas histórias.

Os autores consideram que a análise a partir da modalidade epistêmica vai além da semântica, pois considera-se também a atitude que o falante tem, diante de seu enunciado, os graus de compromisso assumidos durante o testemunho e as evidências em que esses sujeitos se apoiam na construção de suas narrativas, mesmo que nem sempre eles ofereçam provas concretas para embasar em suas versões. Para Almanza e Maza, o testemunho é um discurso que permite a exteriorização de vivências, a partir da narrativa de experiência, e dessa maneira, as vítimas do conflito armado na Colômbia carregam em seus testemunhos todas as experiências vividas durante o período de carceragem forçada, associadas às crenças que permeiam seus conhecimentos.

Por fim, os autores concluem que os testemunhos são constituídos de memória, conhecimento e posicionamento, e a utilização de verbos nas construções frasais das narrativas, como: *‘yo vi’* (eu vi) e *‘recuerdo que’* (me lembro que), mencionados nas histórias das participantes, são mecanismos utilizados para a transfiguração do discurso em evidência. Além disso, este estudo também mostrou um grande problema no território colombiano, o qual o autor considera um exemplo de como, partindo do trabalho do analista de discurso, muitos problemas em diferentes âmbitos sociais podem ser expostos, possibilitando uma reflexão crítica para essas ações na sociedade.

Diante de todos os estudos aqui apresentados, evidencia-se a importante contribuição da linguística aplicada e em especial da AD para o desvelamento de dilemas sociais e políticos que são intrínsecos em tempo contemporâneo, revelando que, mesmo com uma sociedade mais tecnológica e munida de direitos constituídos, muitos discursos silenciadores, opressores, capitalistas e machistas, dentre outros que restringem os direitos das minorias, permanecem ‘mais fortes do que nunca’, alavancando padrões hegemônicos e coloniais. Por sua vez, o cenário pandêmico demonstrou que os problemas sociais estão enraizados e velados na sociedade e que só tiveram maior agravamento devido ao contexto de extrema vulnerabilidade em que os sujeitos marginalizados e silenciados se situam historicamente, demonstrando que, quanto maior a instabilidade global, maior é a intensificação das desigualdades pré-existentes.

Além disso, a produção do livro em destaque também revela a importância da decolonização na esfera científica latino-americana, como uma valiosa ferramenta ao estímulo do rompimento da hegemonia do saber científico, a qual incorpora apenas referências estrangeiras e reflete no sujeito-pesquisador colonizado. Evidencia-se igualmente como deve-se fomentar pesquisas voltadas às problemáticas sociopolíticas latino-americanas e priorizar a cooperação intrarregional. Logo, será possível tornar visível os discursos latinos periféricos e as suas respectivas produções de sentidos que reverberam nos diferentes cenários nacionais, mas que compartilham dos mesmos discursos, ou parte deles, para assim construir um saber sólido e contextualizado a nossa realidade com um importante senso de pertencimento comunitário.

Bibliografia

ALMANZA, Karen Miladys Cárdenas; MAZA, Nino Angelo Rosanía; SALGADO, Elisabeth Flores; CIRNE, Alexcina Oliveira. **Estudios del Discurso política, violencia y crisis sanitarias**. Campinas, SP. Pontes Editores, 2024. Disponível em: https://ponteseditores.com.br/loja3/pontes-editores-home-2__trashed/ebook/lancamento-e-book/estudios-del-discurso-politica-violencia-y-crisis-sanitaria/

OLIVEIRA, Daniele de; FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteadó de (org). **Análises de Discurso Margens e Entrelinhas**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35918/1/an%c3%a1lises%20de%20discursos%20margens%20e%20entrelinhas%20Pronto.pdf>